

MOJUBÁ

**Edição e Atendimento:** © 2007, Artemania Editora Ltda.  
website qualigrafia.com.br | e-mail sac@qualigrafia.com.br

**Autoria:** Alaketu Olori-Merin  
website alaketu.com.br | e-mail grio@alaketu.com.br

**Revisão de Texto:** Armando Olivetti  
**Diagramação:** Qualigrafia Comunicação

### **Notas da editora**

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Atendimento, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.

Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Câmara Brasileira do Livro, São Paulo, SP, Brasil**

---

Alaketu

Mojubá : o novo candomblé : as revelações de um griô de Olori-Merin / Alaketu, Olori, Merin. -- 1. ed. -- São Paulo : Artemania, 2007.

ISBN 978-85-60887-00-2

1. África - História 2. Afro-brasileiros - Religião 3. Candomblé (Culto)  
4. Orixás 5. Umbanda (Culto) I. Olori. II. Merin. III. Título.

07-5941

CDD-299.6

---

### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Cultos afro-brasileiros : Religião 299.6

# MOJUBÁ

## O NOVO CANDOMBLÉ

ALAKETU  
OLORI-MERIN

**AS REVELAÇÕES DE UM GRIÔ DE OLORI-MERIN**



1ª Edição . 2007 . São Paulo

## DEDICATÓRIA

À memória do homem de *Xangô* que me gerou e que da ancestralidade continua a sinalizar o destino que me vale a vida.

À mulher de *Nanã* que me gerou e por quem tenho amor incondicional.

Às crianças de *Erê* reproduzidas da minha essência e que são a prova da minha eternidade e a garantia da evolução do que sou.

Às mulheres de *Obá*, *Iansã* e *Oxum* que me mostraram o que é a paixão cega e o amor observador.

Às mulheres de *Iemanjá* que me ensinaram a viver a esperança de um amor ideal.

Ao homem de *Oxosse* que me ensinou a descobrir e preservar os frutos da Terra.

Ao homem de *Omolú* que me ensinou a valorizar a vida no sentido ideal, e a resistir à dificuldade de vivê-la, tornando migalhas de pipoca os meus problemas.

A *Ogum*, que me inspirou a curiosidade e com ela me fez rico em conhecimento e capaz da criatividade.

Aos antepassados de *Oxumaré*, *Euá*, *Ossãe* e *Logunedé* que me inspiraram a reciclar, purificar, fundamentar e, enfim, dominar as diversas áreas do conhecimento para conceber esta obra.

E para aqueles que virão após minha passagem humana. Eles poderão chamar meu nome, ou perceber algo que me represente, ou ainda, simplesmente, hesitar em um julgamento no qual eu possa aconselhar. Estarei lá, ou melhor, dentro deles.

*Oxalá* essa evolução se cumprirá.

## PREFÁCIO

Descobri Alaketu no anonimato do Candomblé, em seu terreiro, abençoado por tantos pontos de energia. Praticante da oralidade, há tempos ele desejava publicar um livro sobre os orixás, mas, aguardou a realização de um ciclo neste 2007.

Confrontar a tradição do orixá, de outras doutrinas e religiões, e ainda a Ciência, exigia uma sabedoria incomum e muita coragem. Ele tinha as duas forças, para que os crentes, teólogos e cientistas atentassem a esta obra.

Alaketu é analítico e objetivo, livre de contradições ao evidenciar os pontos de vista do Culto e da Ciência, a diferença conceitual entre a tradição e a sua interpretação pessoal. Ele expõe Deus de fato e mostra a hierarquia construída quanto aos modos de ser e viver.

Cuidadoso nas fontes primárias, tenaz nas fontes secundárias, o autor surpreenderá o leitor atento, uma vez que, como ele conta, a Religião e a Ciência estão sempre juntas, desde o Princípio.

O objetivo de sua investigação parece erradicar a prática litúrgica desinformada, que se executa encerrada nos tratados secretos. Para ele, crer no orixá é admitir a existência do destino e escolher o caminho para realizá-lo orientado pela inteligência, pelos sentidos e pelos antepassados. Essas revelações criam um tratado pertinente à “doutrina não-escrita”.

A função do Culto, como saber intermediário entre o natural e o indecifrável, recebeu neste livro uma abordagem mito-poética e científica, que fundamenta a atuação das forças envolvidas na alegoria da Criação do Universo, da Terra e da humanidade.

O autor desmistifica o “fantasma” da vida após a morte, introduzindo um conceito inédito, no qual Deus e os nossos ancestrais coabitam o ser humano.

Não é demais citar o último parágrafo do livro, onde Alaketu consegue sintetizar o significado do orixá:

“Um Deus que pensa, cria, se emociona e sangra, é um Deus que existe.”

Uma conclusão que mudará nossos conceitos de ser e viver.

Fé é aquilo que procuramos explicar,  
mas, a nossa evolução ainda não nos permite concluir.

# Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>NOTAS</b> .....	<b>10</b>
<b>1.</b> .....	<b>CULTO AO ORIXÁ</b>
A origem .....	11
A teoria dos quatro elementos .....	14
O orixá .....	16
Os recursos litúrgicos .....	17
O Culto ao corpo .....	19
Os preceitos .....	21
As palavras <i>espírito</i> e <i>alma</i> .....	22
<b>2.</b> .....	<b>HISTÓRIA AFRICANA</b>
O Estado de <i>Ifê</i> .....	23
O Estado de <i>Oió</i> .....	24
O Estado de <i>Daomé</i> .....	25
A <i>Chináfrika</i> na Idade Média .....	27
A tradição africana de todos os povos .....	28
As Nações .....	29
<b>3.</b> .....	<b>COSMOGONIA</b>
A criação do Universo .....	31
<i>Olorum</i> , o “Dono do Paraíso” ou Deus .....	32
. <i>Orum</i> , o Paraíso .....	32
. A Suprema Trindade .....	32
. <i>Orumilá-Ifá</i> , o Adão africano .....	33
. <i>Iami-Ajé</i> , a Eva africana .....	34
. O princípio de polaridade .....	35
<i>Exu langui</i> , a “Esfera” .....	36
<i>Loco</i> , o Tempo .....	38
<i>Onilê</i> , a “Dona da Casa” ou a Terra .....	42
<i>Exu Bará</i> , o “Corpo esférico” ou ser humano .....	44
<i>Odu</i> , os caminhos possíveis .....	55

**4. .... ANTROPOGENIA**

A criação da vida humana .....	64
<i>Olori-Merin</i> .....	66
<i>Oxalá</i> .....	69
<i>Iemanjá</i> , a "Mãe dos Peixes" .....	76
<i>Nanã Burucu</i> , a "Mãe da Morte Cruel" .....	80
<i>Omolu</i> , o "Dono da Vida" .....	83
<i>Ossãe</i> .....	87
<i>Euá</i> .....	91
<i>Oxumaré</i> , o "Arco-Íris" .....	94
<i>Oxum</i> .....	97
<i>Ibeji</i> , os "Gêmeos" .....	101

**5. .... TECNOLOGIA**

As criações e invenções humanas .....	102
<i>Xangô</i> .....	103
<i>Obá</i> .....	107
<i>Iansã</i> .....	109
<i>Oxosse</i> , o "Popular" .....	113
<i>Logunedé</i> .....	116
<i>Ogum</i> .....	118

**6. .... ANALOGIA**

Analogia .....	122
A mitologia egípcia .....	123
A mitologia grega .....	125
A mitologia chinesa .....	128
A mitologia hindu .....	130
A mitologia Cristã .....	134

**EPÍLOGO ..... 138**



## INTRODUÇÃO

*Mojubá* é uma saudação africana. Com essa palavra fui acolhido na comunidade do orixá e ela agora serve para convidá-lo(a) a conhecer as revelações que estão escritas nestas páginas.

Este livro apresenta um modo particular de se relacionar com o sagrado e a articulação para redefinir a tradição diante do mundo moderno. A evolução conceitual surge com a aceção de que o orixá e as ciências são semelhantes e interligados, existindo a explicação científica nos fatos divinos. Com isso, não pretendo confrontar a tradição, mas reforçar a ortodoxia em torno do saber fundamental.

Para o leigo que se interessa por essa fascinante cultura, cabe explicar que sua base está na tradição oral, que foi afetada por fortes tensões, como a Diáspora Negra. A informação, pouca e fragmentada, ensejou uma difícil reconstituição, não escapando de interpretações divergentes, esquecimentos e acréscimos de elementos novos, que se agravaram ao longo das gerações.

A remontagem dos fundamentos do orixá exigiu a percepção da natureza, as revelações oraculares, e o estudo das ciências e de outras doutrinas. Também houve a contribuição de leigos e cépticos, cujas indagações motivaram a busca de ligações mais coerentes e a geração da informação lógica. Dessa forma, possa esta obra decifrar o orixá a todos que não são convencidos por sua manifestação, como também erradicar, entre os crentes, a forma ritual baseada na imitação.

Focou-se principalmente a tradição *lorubá*, apenas por apresentar dados e referências menos fragmentados e mais acessíveis. Mas importei muito das congêneres para formar a conclusão e admitir uma unidade com a fusão pacífica dessas tradições.

Para resolver a contradição que o Culto atravessa, aqui se estabelecem a regulamentação semântica e a renovação contextual, deixando muitas sementes para “verticalizar” reflexões mais profundas. Com isso, não se pretendeu exercitar alguma forma de reafricanização, mas sim, favorecer a ressurgência das raízes do culto de origem africana no mundo, pois esta é a hora de ele revelar-se mais avançado que o nosso tempo. Chamo isso de Novo Candomblé.

## NOTAS

### A interpretação

Entre centenas de lendas (*Itã*) e versos (*Oriqui*) contados por griôs, que são os contadores de histórias ou mestres da tradição oral, foram selecionados aqueles mais adequados ao contexto desta obra e analisados segundo a hermenêutica, envolvendo as seguintes regras:

- Revelar uma doutrina interna por meio de lendas e versos da tradição oral;
- Interpretar as lendas e os versos no contexto e nunca isoladamente;
- Interpretar a intenção dos griôs, e não a intenção do autor;
- Analisar o idioma original para captar o melhor sentido do termo ou as suas possíveis variantes;
- Considerar os fatos relacionados com as lendas, os versos e o contexto, bem como as contribuições dadas pela Física, Química, Biologia, Matemática, História, Geografia, Geologia, Arqueologia e Antropologia, entre outras ciências.

### A romanização dos idiomas africanos

Segundo o lingüista Joseph Greenberg, existem aproximadamente mil e novecentas línguas africanas classificadas em quatro troncos: *congo-cordofaniano*, *nilo-saariano*, *afro-asiático* e *coissã*. O tronco *congo-cordofaniano* divide-se em duas famílias: *niger-congo* e *cordofaniano*. A primeira, que reúne mais de mil línguas, interessa mais ao culto afro-brasileiro, pois a maioria dos escravos que vieram para o Brasil falava principalmente dois de seus ramos: os das famílias lingüísticas *Banto* e *Cuá (Kwa)*, apresentando esta última uma heterogeneidade lingüística maior.

Essas línguas, que continuam sendo empregadas nos cultos afro-brasileiros, não têm forma escrita.

Por ainda não haver unanimidade quanto aos critérios para romanização, foram aqui redigidas com base na forma falada pela maioria dos crentes brasileiros.

## 1. CULTO AO ORIXÁ

### A origem

Segundo a teoria da Deriva Continental, a lava dos vulcões submarinos formou três pequenos continentes: Ártica, Atlântica e Ur. A crosta terrestre agitou-se e uniu essas terras emersas formando *Rodínia*, um supercontinente envolvido pelo Oceano *Miróvia*. A seqüência de grandes movimentos das placas tectônicas provocou as seguintes formações: *Rodínia* rompeu-se em oito continentes, que depois reuniram-se para formar dois grandes blocos: *Panótia* e *Gonduana*. Esses blocos juntaram-se para formar o supercontinente *Pangéia*, envolvido pelo Oceano *Pantalassa*. *Pangéia* dividiu-se em dois grandes blocos: *Gonduana* e *Laurásia*. Esses blocos partiram-se para formar os atuais continentes da Terra, que foram se distinguindo ou desenvolvendo suas particularidades à medida que se distanciavam uns dos outros. Essa passagem da Terra é uma ordem natural para tudo que nela existe.

Admitindo-se a origem do ser humano na África, ali se constituiu a primeira sociedade, que se dissipou dirigindo-se aos demais continentes. Essa dispersão contribuiu para a transformação da fisionomia e da cultura a partir da base comum, tornando a humanidade multiétnica e pluricultural.

A África é um continente banhado pelo Oceano Atlântico, pelo Mar Mediterrâneo e pelo Oceano Índico. A atual divisão territorial é de meados do século XX, e resultou da descolonização européia.

Desde a Antiguidade, o continente africano concentra um grande número de visitas e colonizações por civilizações externas, que circunavegaram o mundo em missões diplomáticas e exploratórias, tendo servido como “ponte” entre o Ocidente e o Oriente. Dessa forma, os descendentes daquela sociedade primordial vêm descobrindo a África, e, com eles, também retornam os primeiros antepassados.

Não há como sobrepujar o ciclo natural do retorno à origem, que se conclui enriquecido pela experiência do processo; assim, cumpre-se uma evolução para iniciar-se uma nova partida.

Aqui se quer provar a origem do Culto ao orixá com base na reunião das crenças de diferentes povos que transitaram pela África, influenciando a cultura local e reconstituindo um culto primordial.

A História supõe que o Egito, na África Oriental, foi o primeiro Estado constituído na África, há cerca de cinco mil anos. Entretanto, enquanto a civilização egípcia se formava e tinha uma escrita para registrar sua existência, existiam outros povos de tradição oral que não deixaram tantos rastros. É provável que os antigos egípcios tenham influenciado a tradição sobre o orixá. Mas, também, há notáveis semelhanças entre essa tradição e as religiões *Dármicas*, que reforçam a possibilidade da assimilação com culturas além da África.

A principal diferença entre essas religiões e o Culto ao orixá está na idéia sobre a reencarnação. Para os antigos egípcios a vida após a morte reencarnava o mesmo corpo, dando sentido aos rituais de mumificação. Para os seguidores das religiões *Dármicas*, a reencarnação constitui um ciclo que persegue a perfeição do “Ser” por meio do renascimento humano.

O Culto ao orixá percebe a existência humana única (*Atunwá*), na qual a energia vital após a morte transforma-se em ancestral e passa a ser compartilhada pela humanidade, ou seja, reencarna como parte dos indivíduos, com a função consultiva, sem poder arbitral. Além disso, prega que Deus está em tudo que existe; assim, não se trata de religião, pois não busca o religamento a Deus como Ser estranho à natureza. O Culto define-se como o modo de compreender e viver o Universo em sentido prático e não de credo, ou seja, fundamenta-se na conduta humana consoante a ordem natural do seu movimento ou da sua evolução, que conduz ao equilíbrio dinâmico.

Deus exprime-se no reflexo de Seu poder em Sua criação. Por sua vez, a Criação tem movimento autônomo e acumula energia ao ponto de reproduzir-se e iniciar um novo ciclo. Tudo que existe segue a ordem baseada em ciclos relativamente iguais ou evoluções. À medida que a concentração de energia naquilo que existe aproxima-se do equilíbrio, reproduz-se, para não perder o movimento. Cada geração ou criação corresponde ao fracionamento da forma original, preservando-se a isotropia do conjunto.

Tudo e todos são igualmente essenciais, mas com funções e capacidades distintas e interdependentes no Universo. Para harmonizar essas diferenças funcionais, há também uma função conciliadora que se instala em alguns, como os sóis, que estabelecem as órbitas dos planetas, ou como os líderes humanos, que estabelecem a ordem social, e assim por diante.

A diferença faz parte da natureza humana, pois a humanidade

estabeleceu-se a partir da distinção sexual entre os componentes do primeiro casal humano, ou seja, os opostos no íntimo de sua unidade. Assim, o ser humano também passou a criar diferenças culturais, raciais e geográficas, segregando a humanidade em povos. Nos povos, as diferenças refletem-se relativamente em tradição, família e propriedade no âmbito comunitário. A projeção das diferenças na família leva seus indivíduos a assumirem diferentes destinos. Cada indivíduo, por sua vez, harmoniza-se com seu par oposto em outra família, que pode estar inserida no contexto de um povo estranho ao seu, e dessa forma preserva a sua ligação com a humanidade. Portanto, as diferenças servem não só para separar, mas também para aproximar.

Essa cadeia de ligação das vidas humanas possibilitada pela afinidade ao próximo também ocorre na morte, quando o indivíduo renasce ou encontra a família de seus antepassados, que está inserida no contexto de um povo, no íntimo da ancestralidade. Por sua vez, os elementos e os fenômenos da natureza constituem os sinais que ensinam o indivíduo sobre o modo de viver a existência humana. A coexistência da humanidade e da ancestralidade, envolvidas pelos sinais do ambiente, forma Deus.

Cada ser humano apresenta um código genético e outro energético, oriundos diretamente dos pais e indiretamente dos antepassados. Por hereditariedade, os humanos e os ancestrais desde o Princípio estão unidos, acumulando o saber da História Universal.

Os antigos africanos tinham essa visão holística da vida, na qual a leitura da natureza em constante evolução constitui a principal fonte de ensinamento dinâmico. Por isso, o panteão é elástico, admitindo novas forças de acordo com a evolução.

Para superar a barreira das diferentes línguas e das diversas interpretações da comunicação, eles utilizaram uma linguagem simbólica inspirada na cultura material sobre os quatro elementos (ar, terra, fogo e água). Esses elementos são os orixás, que foram personificados em lendas, cada qual com uma carreira de significados e relatividades, constituindo a linguagem permanente para interpretar-se o passado, o presente e os destinos do Universo. Eles acreditavam que a Palavra e a Obra de Deus estão na natureza e dispensam outros registros. Por isso, não se importaram em desenvolver uma escrita para registrar o que falavam.

Porém, várias religiões baseiam-se em obras literárias, como o *Rigveda* do Hinduísmo, o *Mahabahata* do Bramanismo, o *Zend Avesta* do Zoroastrismo, a *Torah* do Judaísmo, a Bíblia do

Cristianismo, o *Corão* do Islamismo, o *Guru Granth Sahib* do Sikhismo e os Livros de *Allan Kardec* do Espiritismo. Esses livros, segundo os respectivos crentes, foram escritos por pessoas capazes de se comunicar direta ou indiretamente com anjos, divindades ou entidades exteriores ao ser humano, assim como Deus.

Comparando-se a história falada com a escrita sobre o sagrado, a primeira forma é dinâmica e evolui de acordo com as gerações, enquanto a segunda é estática e torna-se gradativamente arcaica e menos referencial. A oralidade permite a renovação do Culto de acordo com a evolução, em oposição à escritura, que, tornando-se sagrada, leva à estagnação do pensamento e contraria a ordem natural.

Entretanto, esses livros têm um grande valor histórico, pois seus registros possibilitam investigar a evolução do pensamento sobre Deus de acordo com a situação no tempo e no espaço. Certamente, muitos outros porta-vozes existiram antes da escrita, como ainda existem, mas não se utilizam desse meio.

O que importa é que a maioria das crenças concorda sobre a concepção básica do Universo. Afinal, o conhecimento sobre a Origem está encerrado no âmago de todos os seres humanos, que são capazes de compreender os sinais emanados da natureza.

Com modesta pretensão, esta obra é uma das manobras de retorno à África, revelando a crença africana sobre a intimidade de Deus, que se apresenta no julgamento, na transformação do Universo e na união e desunião dos humanos ao longo de várias gerações, entre outros conflitos naturais da evolução.

Possa o orixá ser o pólo convergente de todas as crenças e o caminho do ser humano de volta para a casa, o *Ilê* África de nossos ancestrais.

### **A teoria dos quatro elementos**

A tradição conta que Deus soprou a lama e vivificou-a na forma do ser humano para exprimir que a matéria, apesar de múltiplas aparências, é formada por uma substância única, sendo possível transmutá-la. Assim, o sopro divino simboliza o movimento da lama primordial, que propiciou as reações químicas entre todos os seus constituintes (ar, terra, água e fogo) para gerar todas as formas do Universo.

A conceituação sobre os quatro elementos constituintes da

matéria primordial serviu para classificar, hierarquizar e organizar toda a realidade física, biológica, psicológica e religiosa. Desse modo, tudo que existe e acontece na natureza, bem como os seres humanos e os antepassados, estão relacionados aos elementais, que foram divinizados como "entidades do ar" (*Ará-Afefê* ou *Ará-Orum*), "entidades do fogo" (*Ará-Iná*), "entidades da terra" (*Ará-Aiê* ou *Ará-Ilê*), e "entidades da água" (*Ará-Omì*).

Nesse contexto, os arquétipos fundamentais apresentam-se nas "entidades do ar" (*Oxalá* e *Iansã*), nas "entidades do fogo" (*Exu* e *Xangô*), nas "entidades da terra" (*Oxosse*, *Ossãe* e *Omolu*), e nas "entidades da água" (*Iemanjá*, *Oxum*, *Obá*, *Nanã Burucu* e *Euá*). As entidades ligadas a mais de um elemento (*Metá-Metá*) são *Ogum*, *Ibeji*, *Logunedé* e *Oxumaré*.

As pessoas, classificadas segundo o elemento predominante, identificavam-se e eram identificadas na comunidade por suas propriedades. Assim, os diferentes tipos de personalidade eram relacionados a arquétipos que facilitavam a adaptação dos indivíduos na sociedade. As aptidões funcionais eram motivadas ao serviço adequado, os casamentos consideravam a "química" que daria estabilidade à relação, enquanto as fragilidades tinham o tratamento iniciado antes de se efetivarem as doenças e outras perturbações. Dessa forma, as pessoas tendiam à união, realizando uma existência humana feliz e harmoniosa.

O corpo humano, resultado da estruturação genética, tem uma relação direta com uma parte incorpórea formada pela identidade individual e pelos antepassados, que em conjunto compreendem um destino natural.

Por força de usos e costumes, as prescrições baseadas nos elementais tornaram-se preceitos para muitas comunidades, entre elas, os crentes do orixá.

No Culto, a energia obtida de sacrifícios vem principalmente do sangue, que é classificado de modo rudimentar sob três tipos: branco, vermelho e negro. Essas cores são compreendidas pelos significados, e não pela aparência.

O sangue branco é associado ao elemento ar para simbolizar o princípio de todos os ciclos, como o hálito de Deus (*Olorum*) que iniciou o movimento e criou o ar (*Oxalá*). Representa-se pela saliva expelida com o hálito e pelo esperma que traz o gameta masculino móvel, entre outros materiais.

O sangue vermelho refere-se ao conjunto dos elementos fogo (*Xangô*) e água (*Iemanjá*), que propiciou a criação das forças da

natureza e da vida. Encontra-se no sangue de animais e seres humanos, na seiva e nos extratos de vegetais, e no leite produzido pelas fêmeas. Também surge sob a forma de substâncias em estado de fusão, como a lava. Pode-se simbolizá-lo simplesmente com a água sob a presença da chama.

O sangue negro retrata o elemento terra para simbolizar a destruição, ou melhor, a transformação, como a amálgama das matérias que cumprem seus destinos e retornam à forma original, semelhante à matéria escura ou primordial (*Oduduá*) com a qual se criou os elementos da natureza. Extrai-se da terra, dos sedimentos, do petróleo, dos excrementos, das cinzas e dos materiais decompostos. Contém os nutrientes para a base alimentar dos seres vivos, as matérias-primas, e os combustíveis necessários para empreender as gerações.

Para viver, a matéria é insuflada com sangue branco, mas mantém-se viva com sangue vermelho. Após a morte, a matéria transforma-se em sangue negro e passa a manter as outras matérias vivas.

## O orixá

O Culto ao orixá concebe Deus não como um estranho, mas como o conjunto de todas as formas existentes no Universo, que em seus fenômenos manifesta o Seu movimento.

A designação de orixá, que corresponde a *Inquice* nas nações *Angola* e *Congo*, e a *Vodum* na nação *Ewe-Fon (Jeje)*, tem sinonímia com "Ser divino" e "ter Deus em si", apresentando-se sob as formas energética e material.

Assim, o Culto estrutura-se na crença de que os orixás são as formas naturais, ou seja, humanos, animais, plantas e coisas, enquanto a conduta do ser humano e os fenômenos da natureza são os seus movimentos.

As coisas não são inanimadas como parecem, pois exercem forças no ambiente e mantêm movimento constante no referencial da Terra em relação ao Universo.

Os orixás, como os elementos e os fenômenos da natureza, proporcionam infindáveis significados aliados aos sentidos da vida. Por isso, diz-se que sem ervas (*Euê*) e rochas (*Otá*) não há orixá, conotando-se que o ambiente determina a existência da vida.

O ser humano é o mais perfeito reflexo de Deus no Universo,



criado com o destino de transformar e evoluir tudo que existe. A sua conduta em relação ao próximo e ao ambiente é determinada pela sinergia entre o seu livre-arbítrio e os antepassados. Com o auxílio dos antepassados, é possível ao ser humano remontar às fontes do conhecimento e evoluir de acordo com o seu destino.

O destino individual (*Ipim*) é idílico, pois tem origem no Paraíso (*Orum*), sendo emanado da função divina *Orumilá-Ilá*.

A forma humana consiste na dupla-existência energética e material determinada pelo destino individual (*Ipim*), a saber:

- Identidade energética (*Ori*) compreendendo o seu livre-arbítrio mais todos os antepassados que o tornam “Ser”; e
- Identidade material (*Ará*), compreendendo a estrutura genética, que remonta à origem humana, ainda anterior a isso, na estrutura molecular até o átomo primevo, e deste à essência indecifrável de Deus.

Portanto, o indivíduo é o resultado da fusão do destino pessoal e das identidades energética e material, decorrente de três condições:

- O objetivo (*Acunleiam*) a ser realizado na existência humana;
- A potência (*Acunlebá*) para que o objetivo possa ser realizado;
- A situação imutável (*Aiamo*) do “Ser” na forma humana, como os seus atributos físicos e a sua família.

Porém, de acordo com a ordem natural, quando o indivíduo nasce na Terra adquire um destino oposto ao idílico. Assim, ele arbitra sobre os caminhos (*Odu*), determinando a sua conduta individual (*Apari-Inu*) em relação ao destino idílico (*Ori Aperê*).

Algumas religiões chamam de “pecado original” a potência oposta ao destino idílico, contraída pelo ser humano ao nascer, como se ele fosse criatura de uma maldição. Por esse pensamento, Deus e seus domínios são uma parte da natureza, como o bem, o Paraíso e o divino, em oposição ao diabo, ao mal, ao inferno e ao mundano.

## Os recursos litúrgicos

Na atualidade, os rituais tradicionais buscam a comunicação com os ancestrais mais primordiais, de uma época em que as palavras eram especialmente reservadas, e por isso, raramente proferidas. Assim, essa imitação remonta o chamamento dos mesmos ancestrais pretendidos pelos antigos africanos, que se manifestam fazendo pouco ou nenhum uso de palavras. Acredita-se que os antepassados mais antigos são mais sábios, pois acumulam as experiências vividas

e aquelas observadas em seus descendentes. Para esse fim, o crente conjuga a evocação e o mimetismo corporal com os recursos materiais, como objetos, sacrifícios e iguarias, de acordo com as particularidades do antepassado, para manifestá-lo. O ancestral que atende ao chamado responde ou manifesta-se da mesma forma, ou seja, fazendo uso dos mesmos recursos de comunicação.

Dado que a matéria é sagrada, o Culto emprega muitos materiais para representar a crença e chamar os ancestrais. Essa simbologia adota os elementos físicos, na forma bruta ou trabalhada, para expressar absolutamente tudo, de modo que qualquer pessoa a qualquer tempo possa compreendê-la. Obviamente, as propriedades e as funções entre o elemento e o representado devem ser relativamente afinadas.

Essa cultura material estendeu-se na alquimia, também explorada pelas antigas civilizações indiana, chinesa, egípcia, grega e árabe, e até pelos cristãos da Idade Média. Porém, os antigos africanos, ao imitarem os processos da natureza, estavam mais próximos do contexto da ciência fundamental.

Há ainda a prática do sacrifício, com o objetivo da destruição, própria ou figurada, de animal, planta e coisa, hoje substitutos do ser humano, e ressurreição ou ressurgência da energia pretendida para benefício do sacrificante.

Os sinais gráficos são pouco empregados, pois não superam o realismo dos símbolos materiais e da vocalização. Inseridos nas dimensões de espaço e tempo, estes resultam na melhor obtenção de energia e movimento. Além disso, a grafia é evitada por imobilizar ou estagnar a evolução do representado.

O uso de voz ou de outro recurso sonoro para o chamamento ancestral é considerado mais efetivo, pois acredita-se que tudo surgiu do primeiro sopro ou da vocalização de uma palavra, que movimentou as partículas do Universo. A expressão de sentimentos através da voz fundou a música vocal, e o fenômeno de soar no conjunto de mais de uma voz fundou a música instrumental. Há mais de trinta mil anos, os antepassados extraíam sons de flauta feita de osso, instrumentos de percussão e harpa. Os sons estimulam os centros de prazer no cérebro, os mesmos de quando se saciam a fome, a sede e o desejo de sexo. Com apenas poucos meses de idade, o ser humano já consegue associar os sons harmoniosos (simétricos) ao agradável, e tenta afastar-se dos dissonantes (assimétricos).

O Culto, por empregar recursos de voz, sons instrumentais,

mímica, plantas, animais e coisas, busca a beleza de Deus e, conseqüentemente, produz a arte.

A arte sempre foi uma expressão religiosa para os antigos africanos, pois através dela o ser humano manifesta o seu poder divino de criar o belo. O verso e o cântico evocado com o poder da palavra, a música composta por sons instrumentais, e a dança inspirada no movimento da natureza, constituem a expressão dinâmica de Deus, enquanto a iconografia, como as pinturas, os adornos e as esculturas, constitui a expressão da potência Dele. Essa concepção corresponde aos conceitos hindus sobre *Mantra* e *lantra*.

No sistema de signos, o orixá ou um mesmo elemento tem diversos significados, que, associados a outro, perfazem o sentido específico. Por exemplo: *Oxum* simboliza a água doce, os rios, a riqueza, a beleza e a maternidade, entre outras significações. Quando *Oxalá* é associado a *Oxum* compreende-se, respectivamente, a ação do ar frio sobre a água doce que forma o gelo, relação em que uma força domina a outra. Nas lendas, entre *Oxum* e *Oxalá* há uma ligação forte de amizade. Assim, a tradição e a simbologia funcionam juntas para expressar a ordem da natureza.

### **O Culto ao corpo**

O corpo é santo e a linguagem corporal distingue o indivíduo socialmente, por meio dos hábitos e consumos: o alimentar, o cultural e o ornamental (artigos de vestuário, beleza, higiene e manipulação do corpo em geral). Cultuar e modelar o corpo envolve o trabalho físico e mental, a aplicação de técnica ou artifício de controle da natureza, e o consumo, que constitui os vínculos identitário e social.

No Culto, o crente alimenta-se de acordo com a dieta de seus antepassados guardiões, acreditando na contribuição desse hábito à sua saúde, pois o seu corpo também é um reflexo dessas forças. Alimentar-se adequadamente é um ato que o conecta ao todo, pois o que absorve passa a constituir-lo, e por ele retornará ao Universo. Essa relação entre o "Ser" e o que ele come influencia as dimensões física, psíquica, simbólica e religiosa.

Os adornos corporais, como a pintura e os objetos, além de proporcionarem a beleza plástica e estética, funcionam como símbolos e atrativos, que expressam a identidade e a situação do usuário à comunidade e aos antepassados. Com esses sinais, reconhece-se o indivíduo segundo sua energia natural, seus ancestrais

diretos, seu cargo e sua função social, entre outras particularidades. Por exemplo, o balangandã expressa nas cores e nos objetos pendentes, respectivamente, a energia e a função ou capacidade técnica do usuário. O ruído produzido por essa peça significa o movimento ou consumo da energia no exercício da função do indivíduo.

Na atualidade, por uso e costume, a instituição da vestimenta transformou em tabu a naturalidade da nudez, ocultando parte da forma divina e da personalidade humana em termos físicos.

Nos primórdios, a nudez espontânea aproximava os indivíduos por necessidades naturais: os corpos uniam-se para suportar o frio e copulavam para se completar quando afins, entre outras situações. O corpo era coberto por peles e tecidos como proteção contra o frio e a radiação solar, quando intensos.

Os antigos egípcios acreditavam na vida transcendental, sendo o corpo a passagem para essa existência. Por isso, cultuavam o corpo para mantê-lo belo e saudável, e exibí-lo como obra divina. Os trajes não eram necessários, apenas simbolizavam poder e riqueza, e, quando utilizados, eram transparentes e mantinham o corpo nu acima da cintura. As crianças e os escravos não usavam roupas.

Os estrangeiros, especialmente os europeus, introduziram a necessidade “moral” da vestimenta em muitos povos africanos. Por exemplo, as mulheres das cortes africanas assimilaram o corpete, a anágua e a saia. Muitas usavam um turbante enrolado sobre a cabeça, uma influência da cultura oriental, que simbolizava certa posição social.

No Brasil, as escravas que trabalhavam nas casas de seus donos usavam roupas rudimentares, mas de acordo com o costume europeu. Assim, o corpete era improvisado por uma faixa de pano ajustada até a altura dos quadris e dele saía uma saia ampla, com pregas e comprida até a altura dos pés. Após a abolição da escravatura, os africanos e seus descendentes que conseguiram se afirmar na sociedade brasileira aderiram ao linho branco e às rendas para a confecção de suas vestes, desejando alguma equiparação à aristocracia cortesã. Como foram as mulheres negras que fundaram os primeiros “terreiros” ou templos de Culto aos antepassados, essa moda tornou-se um costume trazido até a atualidade. Assim, chama-se “roupa de razão” a vestimenta das mulheres nos templos, feita de morim ou cretone branco, podendo ser colorida dependendo da ocasião. Compõe-se de saia (*Axô*), corpete ou faixa amarrada sobre os seios (*Siguê*), camisa conhecida pela corruptela *Camisu*, anágua

ou calça amarrada por cordão na cintura, e turbante (*Ojá*).

Quando se adorna o orixá feminino consoante o seu arquétipo, há adição do véu sobre a face, uma característica oriental na tradição africana. Além disso, o leque (*Abebê*), consagrado a *Iemanjá* e a *Oxum*, é uma influência chinesa, que simboliza poder e dignidade.

Originalmente, a cultura material era constituída por elementos livremente encontrados na natureza, mas estimulou a produção artística e o artesanato. Em torno dessa necessidade material e do crescente contingente de crentes, desenvolveu-se um comércio específico, que passou a exigir a produção industrial de muitos artefatos. A estilização das forças da natureza à forma humana ou arquetipificação dos antepassados, adornados por suas insígnias, introduziu motivos acessórios para a intensificação da atividade comercial e industrial.

Os objetos mais tradicionais são os colares conhecidos por fios-de-contas, as coroas (*Adê*), braceletes, adornos e ferramentas de metal, artefatos de palha-da-costa (*Icó*) e talos de dendezeiro como o *Xaxará* de *Omolú* e o *Ibiri* de *Naná*, machados (*Oxé*), arco-e-flecha (*Ofá*), facas e espadas (*Obé*), recipientes de barro, gamelas (*Opom*) e estatuetas, entre outros.

Os objetos, por si, meramente existem, precisando ser insuflados de energia ou nomeados para que possam representar. Assim, a sacralização do objeto está relacionada à identidade da pessoa que o nomeou e conservou, que se desfaz em ritual específico quando da sua morte. Portanto, as coisas usadas pelo crente junto ao corpo, como adornos e vestimentas, passam a constituí-lo também.

## Os preceitos

Embora o Culto não apresente um padrão litúrgico, os rituais geralmente executados são:

- O Oráculo de *Ifá*, que é o canal de comunicação entre o ser humano e os antepassados.
- A iniciação do crente, que se submete ao processo ritualístico, como a "raspagem" da cabeça e o isolamento para meditação, quando renasce simbolicamente ou reconhece o seu destino natural, permitindo que os antepassados atuem como guias em sua existência humana.
- As obrigações, que são os compromissos assumidos pelo crente com os antepassados, como as homenagens e as oferendas